



# AMOR PATOLÓGICO: ASPECTOS PSICOLÓGICOS DAS MULHERES QUE AMAM DEMAIS SOB O OLHAR DA PSICANÁLISE E DA TEORIA DO APEGO

Gerson Heidrich da Silva<sup>i</sup>

Daniel Mares Dias<sup>ii</sup>

Juliana Maria Fernandes<sup>iii</sup>

**RESUMO** – O objetivo deste artigo é apresentar os resultados de um estudo, realizado a partir de uma revisão bibliográfica, sobre os aspectos psicológicos mais proeminentes em mulheres dependentes de relacionamentos afetivos ou mulheres com Amor Patológico (AP). Para isso, esses aspectos foram divididos em termos de emoções, pensamentos e sentimentos, a fim de compreendê-los melhor de acordo com suas especificidades. Além disso, o estudo buscou avaliar de que forma esses aspectos psicológicos se manifestam e podem ser reconhecidos por meio dos comportamentos dessas mulheres, pensando a formação desse fenômeno ainda durante o período da infância das mesmas. As fontes consultadas

indicam ser este o momento a partir do qual os elementos subjetivos e o tipo de vinculação estabelecido com suas figuras parentais estabelecem as bases cognitivas e emocionais que sustentam o comportamento dependente, ecoando, então, quando não devidamente elaborado, inclusive sobre sua vida adulta. Há pesquisas que apontam a existência de fatores relacionados com a dinâmica familiar do sujeito, mais especificamente no tipo de contato com os pais durante a primeira infância, como fatores que contribuem para a formação de concepções distorcidas sobre o amor. Juntam-se a isso elementos culturais muitas vezes favorecedores de apego e vínculos doentios, dificultando a elaboração dos lutos básicos para a constituição de um



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO/2018

ISSN 2177-2789

---

sujeito capaz de tolerar frustrações. Além da psicanálise como base teórica para a construção dessa pesquisa, foram utilizados elementos da Teoria do Apego de John Bowlby. A perspectiva de ambas em relação ao fenômeno do Amor Patológico foi discutida, em termos de diferenças e semelhanças, durante a análise e discussão dos resultados do estudo. Compreendem esse Amor como um fenômeno originário das relações objetais/primárias do sujeito, cujos desdobramentos acompanham seu desenvolvimento até a fase adulta.

**PALAVRAS-CHAVE** – Amor patológico, psicanálise, teoria do apego.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to show the results of a study, from literature review, about the most prominent psychological aspects on dependent women affective relationships or women with Pathological Love (AP). For this, these aspects were divided in terms of emotions, thoughts and feelings in order to understand them better according to their specificities. In addition, the study sought to know how these psychological aspects are manifested and can be recognized by the behavior of these women, thinking that the formation of this phenomenon even during the period of childhood from them. The sources consulted indicate that this is the

point from which the subjective elements and the type of link established with their parental figures establish the cognitive and emotional underpinning dependent behavior, echoing, so when not properly drafted, including about his life adult. There are studies that indicate the existence of factors related to the family dynamics of the subject, specifically the kind of contact with parents during early childhood, as factors that contribute to the formation of misconceptions about love. Along with this cultural elements often favoring attachment and unhealthy relationships, hindering the development of basic mourning for the constitution of a subject able to tolerate frustration. In addition to psychoanalysis as a theoretical basis for the construction of this study, we used elements of Attachment Theory John Bowlby. The prospect of both in relation to the Pathological Love phenomenon was discussed in terms of differences and similarities during the analysis and discussion of the study results. Understand this love as a phenomenon originating object relations / subject of the primaries, whose developments accompany their development to adulthood.

**KEYWORDS** – Pathological love, Psychoanalysis, Attachment Theory.

Se há o desejo é porque o desejo há de ser.

Heidrich G.



## Introdução

Apesar das diversas possibilidades de definição sobre o que é o amor e sobre como ele pode mediar uma diversidade de inter-relações e se aplicar a uma gama de objetos, um possível consenso está na ideia de que o amor, segundo Sophia (2008), é a “tendência a se unir ao outro: É o desejo de possuir o outro de modo contínuo e/ou de formar um todo com ele” (p. 3).

Para Erick Fromm (*apud* BAUMAN, 2004), amar é uma arte e requer aprendizado, assim como qualquer outra ciência, como a pintura e a medicina, por exemplo. A mulher, então, que possui o amor patológico, sonha com a fantasia de encontrar em um objeto (parceiro) atributos positivos como o amor e o carinho, o que se torna uma busca através de obstáculos que a excita. Como normalmente essa mulher se aproxima e busca estas características em parceiros desprovidos delas, torna o processo trabalhoso e o afastamento emocional deste parceiro parece-lhe inevitável.

Especificamente sobre o Amor romântico e patológico, Sophia (2008) traça uma linha histórica desde Platão e Aristóteles, passando por Kant e Schopenhauer, até Freud e John Bowlby. Descreve de que maneira a ideia de Amor vem se construindo e se modificando ao longo do tempo, considerando o contexto cultural de determinadas populações. Além disso, destaca o fato de nossa sociedade ser, potencialmente, fértil para a eclosão de novos casos relacionados a esse quadro, que também está, de maneira íntima, associado com comportamentos ansiosos, impulsivos, depressivos, compulsivos e de dependência.

O amor patológico caracteriza-se por ser uma forma de estabelecimento de vínculo disfuncional, levando o sujeito a interagir de maneira descontrolada, repetitiva e excessiva com uma outra figura sobre a qual deposita seu afeto. Além disso, há no sujeito com amor patológico um excessivo cuidado com seu parceiro, em detrimento do cuidado consigo mesmo e, em alguns casos, mantendo-se constantemente extremo e impulsivo, mesmo quando a relação causa sofrimento ou é fruto de conflito e violência por parte do outro (SOPHIA, 2008).

Em uma noção introdutória a partir do olhar da psicanálise, pode-se compreender o amor patológico como um fenômeno cuja raiz encontra-se na formação de um ego fragilizado,



decorrente da falha no processo de afastamento do narcisismo característico na primeira infância (LIMA, 2006).

Quanto à Teoria do Apego, considerando os estudos de Rodrigues e Challub,(2009), o amor patológico pode ser entendido como uma disfuncionalidade no processo de vinculação da criança com seus cuidadores, o que gera uma série de comportamentos, predominantemente, ansiosos e inseguros na idade adulta, tanto em relação ao meio quanto no estabelecimento e manutenção dos seus relacionamentos.

Estas breves noções sobre o amor patológico compõem o que será visto e discutido ao longo deste artigo, cujo objetivo principal é apresentar os resultados de uma revisão bibliográfica a respeito do tema, destacando os aspectos psicológicos de mulheres com esse quadro. A Psicanálise e a Teoria do Apego de Bowlby fomentam essa discussão, partindo da história do amor através dos tempos.

## **Objetivo**

A partir da realização de revisão bibliográfica, este estudo buscou descrever aspectos psicológicos proeminentes em mulheres com amor patológico, mais especificamente em termos de emoções, pensamentos e sentimentos, bem como o impacto direto sobre o comportamento dessas mulheres ao longo da vida, em termos de vinculação e construção de relacionamentos. Além disso, buscou reunir elementos sobre o tema, a fim de organizar e discutir suas principais ideias a partir da concepção teórica da psicanálise e da teoria do apego de Bowlby.

## **Metodologia**

O presente trabalho foi desenvolvido mediante conceitos de pesquisa exploratória, por meio de uma revisão bibliográfica e alguns clássicos. Foram pesquisados dezesseis artigos científicos temáticos e utilizados treze trabalhos, acessados nas seguintes bases de dados: Scielo, Pepsic, BVS Psicologia, publicados entre os anos 2005 a 2014. Os descritores utilizados para a pesquisa foram: amor patológico, mulheres que amam demais, amor patológico+psicanálise, amor patológico+apego. A coleta de dados foi realizada mediante leitura exploratória do



material utilizado, leitura seletiva e registro das informações retiradas das fontes de pesquisa.

## **A história do amor ao longo dos tempos**

O dicionário Michaelis (1998) apresenta uma série de definições para o verbete “amor”, apontando justamente para a abrangência das formas como esse sentimento mobiliza elementos internos de cada sujeito, descrevendo-o como benevolência, carinho, ambição, cobiça, veneração, simpatia ou também como um sentimento que atrai as pessoas para o belo, digno ou grandioso. Essa pluralidade de entendimentos está associada, principalmente, aos diferentes objetos de amor, como a família, os amigos, os locais, o próprio Eu, e às finalidades do amor de acordo com determinadas situações, por exemplo: satisfação sexual, vinculação a um elemento transcendental, saciar uma carência afetiva entre outros.

Platão, em sua obra “O Banquete”, apresenta uma elucidação do amor feita por seu convidado, Aristófanes, por meio do mito dos seres esféricos que habitavam a Terra em um passado remoto. Por conta de sua confiança excessiva na própria força, foram castigados por Zeus, sendo divididos e passando então a vagar em busca de suas respectivas metades (PLATÃO, s/d).

De certa forma, esse mito aponta diretamente para um conceito relacionado à psicopatologia do amor: a ideia de “amor complementar”, que busca superar a imperfeição do Eu por meio do encontro, isto é, da metade que o completa. Segundo a pesquisadora Sophia (2008, p. 4), nesse tipo de amor, “o outro passa a ser o responsável direto pela felicidade do Eu, apesar de ser, por definição, um ser imperfeito, uma vez que só é amado por que é precisado”.

A partir da Idade Média, ocorreu o desenvolvimento do **amor romântico**. O amor que vinculava um casal deveria se voltar apenas à caridade e ao relacionamento que levasse à procriação, considerando pecaminoso o desejo carnal. Em seguida, ocorreu o surgimento do **amor cortês** (séc. XII), a partir do qual o homem busca a mulher através de demonstrações esportivas, o que perdurou até o século XV, de acordo com Rougemont (1988), trazendo a ideia de que as pessoas poderiam escolher seus parceiros amorosos.

Para Immanuel Kant, ressurgiu com base nas definições de Platão a ideia de que existem



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

duas formas de amor: a saudável e a doentia. A primeira, caracterizada como amor prático, envolve uma disposição moralmente aceitável, racional, de ação benévola e desinteressada. Já a segunda, ou seja, a forma doentia, caracterizada como amor paixão ou amor patológico, apresenta-se descontrolado, incluindo o desatino e o desprezo pelo outro (KANT, 1960).

Na Idade Contemporânea, surgiu a ideia de “pessimismo romântico”, cujo precursor foi Arthur Schopenhauer que entendia o amor como o impulso sexual exclusivamente voltado à reprodução da espécie (SCHOPENHAUER, 2005). Ainda no mesmo período, Friederich Nietzsche (2002) trouxe a ideia de amor como ódio mortal dos sexos, entendendo o amor como doação e busca da posse total do corpo e da alma do outro sem limites.

Freud, no final do século XIX, com a psicanálise, introduz o conceito de Eros (libido), descrevendo sua energia como um instinto que pode ser sintetizado como amor, quer seja pelos pais, pelo parceiro ou por si próprio, manifestado por meio do ciúme, inveja ou desejos sexuais. Embora descreva o amor como derivado da sexualidade, Freud destaca-o como o deslocamento de energia a um objeto (parceiro), a partir de processos mentais, a fim de obter satisfação (FREUD, 1974).

A partir do Modernismo, no século XX, com os desdobramentos da cultura capitalista de consumo, deu-se início a um fenômeno social de desestímulo à poupança, instigação do consumo, liberação e incitação do desejo. Tal influência narcísica, de acordo com Lasch (1983) e Chauí-Berlinck (2008), tem conduzido, atualmente, a formas de operação pautadas pela ideia da imagem, oferecendo um hipotético prazer imediato em detrimento daquilo que é real.

Esse fenômeno, segundo Chauí-Berlinck (2008), também influenciou a configuração da instituição familiar, tornando-a permissiva ao desejo dos filhos, colaborando, dessa maneira, para o enfraquecimento de seu superego. Além disso, na possível ausência de laços afetivos norteadores, esses filhos tornam-se também inseguros e inclinados à dependência da opinião e da aprovação externa.

Embora ao longo da história o amor, bem como sua relação com saúde e doença mental, seja compreendido como algo a ser refletido, interpretado e também desconstruído, as atuais pesquisas científicas sobre o tema são escassas (SOPHIA, 2002). Há pouco mais de 30 anos,

---



alguns trabalhos começaram a surgir no sentido de indicar a existência de tipos diferentes de amor, o que também passou a servir de base para a criação de escalas de avaliação deste. Dentre esses trabalhos, destacam-se os do psiquiatra inglês John Bowlby e o do sociólogo canadense John Alan Lee (1973, 1977), os quais serão apresentados a seguir.

## **Teoria do estilo de amor de lee**

A partir da pesquisa de John Alan Lee, coletando descrições do que os participantes entendiam por amor, foram levantados cerca de 100.000 itens que serviram de base para comprovação da existência de tipos variantes de amor, denominados por Lee (1973) de *Love-Styles*, destacando os tipos mais predominantes em uma “roda de cores”, a fim de diferenciá-los. Os três tipos de amor primários destacados por Lee são: Eros (Amor romântico e apaixonado), Ludus (Amor sedutor) e Estorge (Amor companheiro). As características destes se combinariam para formar três outras variações de estilos de amor, sendo elas: Ágape (Eros + Estorge), Pragma (Ludus + Estorge) e Mania (Eros + Ludus).

O amor Ágape pode ser compreendido como um sentimento voltado ao altruísmo, desinteresse, ausência de egoísmo, valorização e cuidado com o outro acima de si mesmo. Pragma ou o Amor lógico engloba a ideia da construção de uma relação de compatibilidade, na qual se cria a expectativa da reciprocidade. Já no amor do tipo Mania, características como a possessividade, a dependência e o cuidado obsessivo e sem controle do ser amado, levam o indivíduo a desenvolver relacionamentos em que busca atrair, de maneira excessiva e continua, a atenção do parceiro.

É justamente a partir do tipo de amor Mania, segundo Lee (1973), que se identificaram as características básicas para determinar o que, posteriormente, seria classificado como o amor patológico. A necessidade de ser amada faz com que algumas mulheres se submetam a situações frustrantes de maneira paciente. Normalmente se encontram em suas experiências da infância, situações que faria uma conexão mais legível sobre essa ligação fracassada.

O foco da qualidade e da quantidade de amor foi transferido para a importância do estilo de amor característico de cada indivíduo a partir do trabalho de Lee, *Typology of Love* (1973). E



foi justamente a partir desta obra que se deram as bases para o trabalho de Robin Norwood (1985), do qual se originaram os grupos de apoio conhecidos como Mulheres que Amam Demais Anônimas (MADA).

Atualmente, segundo Sophia, Tavares e Zilberman (2007), embora o amor patológico possa acometer também indivíduos do gênero masculino, tal fenômeno tem sido identificado, predominantemente, em mulheres, principalmente por conta da influência cultural construída em torno de seu papel. Ainda hoje, segundo Lima (2006), é possível identificar traços da influência romântica de séculos atrás sobre a cultura popular e a publicidade, associando, de maneira direta, o amar com o sofrer, ligando-os a uma necessidade intrinsecamente feminina, a partir da qual o amor as acomete, mesmo sem o controle de sua própria vontade, conduzindo-as a uma **adoração**, um estado de êxtase diante do ser amado.

## **O amor patológico sob a ótica da psicanálise**

Para Lima (2006), o amor patológico é caracterizado pelo comportamento de cuidar do outro com atenção excessiva, de maneira repetitiva e sem controle, dentro de um relacionamento amoroso. É um quadro que gera muito sofrimento e pode ser percebido com facilidade em nossa sociedade.

Num primeiro momento, é importante destacar o fato de que a psicanálise, baseada na teoria das pulsões, compreende o fenômeno amoroso, em termos de capacidade de amar, como algo não restrito à vida adulta, mas formado desde a infância e considerado fator diretamente implicante no desenvolvimento da sexualidade do sujeito (FREUD, 1996).

Ainda em relação à teoria freudiana, é a partir das pulsões de vida (Eros) e de morte (Thanatos) que se originam as paixões amorosas. As pulsões de vida (Eros) caracterizam-se pela busca de laços entre o psiquismo, o corpo e as demais coisas, impulsionando a vida e a preservação do organismo por meio do sono, da alimentação e da excreção, por exemplo. Já a pulsão de morte (Thanatos), busca as mesmas coisas, porém através do retorno à fusão com o corpo materno, levando o sujeito ao estado de tensão zero, tendendo à busca pela calma do silêncio, do repouso e da morte. Dirigem a vida humana por meio da tensão entre ambos e, de





# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

maneiras diferentes, buscam o mesmo objetivo de retornar a um estado anterior prazeroso, no qual ambos os grupos de instintos atuam de forma mesclada (KEHL, 1987).

De acordo com Lima (2006), o narcisismo corresponde justamente a esse período da vida psíquica do sujeito, cujo estado de sentimento de ser um com um de seus pais só é rompido mediante a castração promovida pelo deslocamento do desejo do pai ou da mãe para o próprio parceiro ou a outra figura de interdito na relação entre a criança e sua mãe ou pai.

Avaliando a história de vida de uma mulher que ama de forma patológica, sob a ótica da psicanálise, pode-se dizer que as falhas em seu processo de afastamento do narcisismo contribuíram para a formação de um ego fragilizado, cujo ideal buscará constantemente o desejo de conquistar o amor dos pais. O narcisismo funciona como um modo particular de relação com a sexualidade e atua na identificação da construção de um Eu, bem como na intermediação entre a fase de autoerotismo para o amor objetal (LIMA, 2006).

Pensando a ideia de ego como responsável pela diferenciação que o sujeito é capaz de realizar, entre seus próprios processos interiores e a realidade que se lhe apresenta, bem como atuando como protetor da personalidade, isso justifica a manifestação de um estado de codependência entre as mulheres que amam demais, visto a fragilização do ego nesta situação (SOPHIA, 2008).

A baixa autoestima e o sentimento de desamparo, oriundos desse processo de afastamento, a faz tentar, constantemente, realizar esse ideal do ego através do outro, seu parceiro, em um relacionamento. Reproduzir o ambiente hostil da infância é uma forma de continuar sua luta para conseguir e manter o amor dos pais. Tenta, assim, cobrir a sua ferida narcísica e se afastar do sentimento de solidão e tristeza remanescentes de um lar que não pôde dar suporte ao seu ego ainda em formação.

Sair da fase do narcisismo primário é de grande importância para constituição do ego e para dar bases sobre como o sujeito irá se relacionar futuramente. A castração marca a passagem do ego real, quando a criança está em seu sentimento de segurança ligada à figura materna para o ideal do ego. Essa criança, ligada ao intermédio da figura paterna, reconhece que o amor de que necessita não é incondicional, mas está ligado ao desejo dos pais (MILLER, 1997).



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO/2018

ISSN 2177-2789

---

Ainda para Miller (1997), ao possuir a incrível capacidade em perceber e responder às necessidades dos pais, a criança entra, então, no papel que lhe foi confiado inconscientemente, o da necessidade de preencher a lacuna que fantasia existir no relacionamento com os pais (e na idade adulta com o parceiro) e que, inconscientemente, acredita só ser possível através da forma como sua relação se configura, isto é, vivendo em codependência.

Lima (2006) afirma que em uma família desajustada, na qual as figuras objetais se mostram, de maneira profunda, inseguras emocionalmente, com o equilíbrio emocional dependente do filho, este passa a se sentir completamente responsável por sua felicidade.

Por sua vez, Winnicott (1987) diz que a capacidade de envolvimento depende da constituição, por parte da criança, da unidade estabelecida com a mãe, sentindo-a e reconhecendo-a como pessoa total e parte do desenvolvimento ligado ao período da relação de dois corpos. O envolvimento efetivo entre a criança e seus cuidadores pressupõe uma estruturação complexa e organizada do ego e isso depende, diretamente, dos cuidados oferecidos ao sujeito na primeira infância, bem como a oferta de um ambiente bom o suficiente, favorecedor do crescimento interno da criança.

Dessa forma, a procura narcísica por atenção e aprovação do parceiro em um relacionamento amoroso pode ser comparada à procura de segurança e afeto na relação simbiótica com a mãe, num período em que o outro e o mundo não existiam para ele como separados. Logo, receber afeto e cuidado durante a infância é de extrema importância para o desenvolvimento da criança, para que possa crescer com segurança, sentindo-se protegida e amada, fatores que refletirão em suas relações futuras.

As necessidades básicas, tais como a preservação de uma relação, integração entre afeto e segurança com outros indivíduos, autonomia, liberdade de expressão autocontrole e limites, são de grande importância para constituir o ser humano. Segundo Dowling (2002), as crianças demonstram um autocontrole e lutam para construir habilidades que as levam a ilusão de que são pessoas fortes e invulneráveis.

Na história de vida de uma mulher que ama demais, observa-se que existem falhas em todo seu processo de afastamento narcísico, contribuindo para um ego fragilizado que,



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

certamente, buscará em suas futuras relações corrigir o desejo de conquistar o amor dos pais (LIMA, 2006). Neste sentido, Norwood (2005) diz que as mulheres que amam demais reconstituem uma paixão às relações primárias. E, pensando esses fatores que a acompanharam ao longo de seu desenvolvimento, a mulher acometida do amor patológico acreditará que só será amada se for **necessária**, por isso se aproxima de pessoas tão inacessíveis emocionalmente como foram seus cuidadores.

Freud (1974), ao atentar ao fato de que uma paciente histérica queria lhe dizer algo, mas não conseguia expressar-se com palavras, mas o fazia por meio de seu corpo, descreveu a energia de Eros (libido), chamando-o de instinto amoroso: tudo aquilo que pode ser sintetizado como amor, incluindo a si mesmo, pais, filhos, humanidade, saber e objetos abstratos. Em Eros, convergiam pulsões parciais de ternura, ciúme, inveja e desejos sexuais dirigidos para os mesmos objetos.

Desse modo, pode-se dizer que a relação amorosa patológica traz consigo certo reconhecimento narcísico aos sujeitos nela envolvidos. Quando a relação se instala no âmbito da dependência, como ocorre entre mulheres que amam demais e seus parceiros, a relação é entre dominação e submissão. Diz Silva (2002): “O apaixonado é submisso, dependente, pois se privou de uma parte de seu narcisismo e só pode ser recompensado pelo amor de outra pessoa” (p. 55).

Apesar dessa ideia de que o conceito de amor seria uma ampliação do conceito de sexualidade, Freud (1974) definiu amor como um conjunto de processos mentais internos, que dirigem a libido do sujeito para um objeto (parceiro) com o objetivo de obter satisfação. Logo, em nome do amor do outro, a mulher que ama, patologicamente, perde aquilo que a diferencia e a distingue do outro. O medo da solidão e do desamparo faz com que o objeto seja tomado como insubstituível e o desligamento dele implica numa perda de si.

A busca do relacionamento estável não pode oferecer a intensidade emocionante de um caso de amor apaixonado. Se a mulher com amor patológico conseguir o que tanto parece desejar, ou seja, a recuperação de seu parceiro e a conquista de seu amor, o sofrimento cessa e



a paixão logo acaba. Com isso, muito provavelmente, “talvez ela dissesse a si mesma que desistiria do amor, porque a dor doce-amarga não existiria mais” (NORWOOD, 2005, p. 59).

A consequência de toda busca pelo amor ideal, tal como a frustração e a impotência de se sentir amada e desejada como um dia poderia ter sido por seus pais, favorecem o surgimento de um sujeito desejante. Ante a depressão e o sentimento de falta como vazio, há o desejo. A demanda de alívio é transformada em demanda de amor do outro, do valor que se tem para o outro. Desse modo, como no quadro de codependência que acomete drogadictos e pessoas com transtorno obsessivo compulsivo, o sujeito com amor patológico almeja ser o **salvador**, **protetor** ou **consertador** do parceiro ou familiar, necessidade essa que provavelmente decorre de sua baixa autoestima (STANLEY, 2004).

Enquanto a paixão se coloca na expectativa de retorno ao sentimento de onipotência e manutenção da ferida narcísica, o amor se coloca como uma renúncia a essa condição e viabiliza o reconhecimento do outro como alguém que possui uma existência concreta para além das fantasias mais arcaicas e com quem se pode construir uma história diferente. As formas com que as paixões se iniciam, a maneira como se expressam, a valorização positiva ou negativa de cada uma delas, também está permeada pela visão de mundo de cada cultura.

Ao contextualizar mulheres que amam demais, pensando em sua cultura, Norwood (2005) fala da importância de se estar ciente das falhas prejudiciais da visão de amor da sociedade e resistir à imaturidade superficial e autofrustrante em relacionamentos pessoais que ela exalta. Isso porque o superego, portador da norma, é tanto mais ideológico quanto mais neurótico for o sujeito. Sendo assim, é importante saber o que determinada cultura pensa sobre o amor e como suas premissas afetam e contribuem para o estabelecimento de uma relação obsessiva e de dependência.

## **O amor patológico sob a perspectiva da teoria do apego**

Uma das explicações que se destacam para entender como se formam as ideias e comportamentos distorcidos a respeito do contato e do estabelecimento dos relacionamentos no caso das mulheres que amam demais, envolve a Teoria do Apego (*Attachment Theory*), criada



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

por John Bowlby em parceria com as pesquisas de Mary Ainsworth, examinando a prática de criação de filhos de diversos casais pelo experimento de Situação Estranha do Bebê (SE), e Mary Main, formulando maneiras de compreender o apego manifestado nos adultos, conforme descreve Thompson (2012).

Essa teoria baseia-se no modelo de desenvolvimento emocional que postula que a ligação da mãe ao bebê fundamenta o modelo das relações futuras do sujeito, promove expectativas e assunções acerca dele próprio e dos outros suscetíveis de influenciar a competência social e o desenvolvimento emocional ao longo da vida. Há uma vinculação, como característica, que acompanhava os seres humanos desde a nascença até à morte (BOWLBY, 1990).

Para Bowlby (1990), a partir das representações mentais que se constroem no sujeito ainda na infância, a respeito das figuras com as quais se relaciona, do mundo e de si mesmo, se desenvolve uma organização cognitiva e afetiva sobre sua maneira de se envolver com outros (influenciando também sua percepção, por exemplo, sobre ser ou não merecedor de amor, cuidado, atenção e aceitação por parte de suas figuras de vinculação) e que, quando mantidas por um longo período, tendem a se cristalizar e guiar, mesmo que não conscientemente, suas relações interpessoais ao longo da vida.

Partindo da sua ideia de desenvolvimento dos padrões de relacionamento, Bowlby (1990) destaca como elemento fundamental nessa construção o período que compreende a primeira infância e seu vínculo com as figuras parentais; e, diante das experiências decorrentes desta influência, se estabelecem os modelos relacionais internos que lhe servirão de base ao longo da vida. O comportamento de apego está, então, numa classe de comportamento social tão importante quanto o comportamento parental e o de acasalamento, sendo extremamente influenciado pelas relações parentais da primeira infância.

O comportamento de apego, segundo Bowlby (2002), pode ser dividido em três modelos: apego seguro, inseguro esquivo e inseguro ambivalente, tendo-se acrescentado um quarto padrão posteriormente, o desorganizado. Esses modelos de apego podem apontar as maneiras pelas quais os sujeitos se aproximarão do mundo, conforme as reações e padrões de



interação com seus cuidadores. Além disso, deve-se lembrar que, geralmente, o sujeito manterá um modelo de apego dominante ao longo de sua vivência e traços menores dos outros tipos em determinadas situações, podendo haver variação dos padrões de apego de um sujeito conforme os indivíduos em seu convívio.

O apego seguro se desenvolve de acordo com a capacidade de os pais perceberem as necessidades do bebê e responderem de maneira adequada; havendo, portanto, uma vinculação afetiva tranquila e equilibrada entre a criança e suas principais figuras de apego. No caso do apego desorganizado, o padrão de comportamento tende a ser confuso, desorientador e amedrontado, por conta de pais também amedrontados, violentos, transtornados ou afetivamente desequilibrados. Já no apego inseguro esquivo, há o sofrimento por conta da inacessibilidade emocional, impassibilidade ou rejeição dos estados emocionais da criança por parte de um dos pais ou cuidadores. Isso culmina no pensamento do sujeito de que não há importância em dar valor aos sentimentos ou que o mundo é emocionalmente estéril, passando a evitar vínculos e intimidade.

O apego inseguro ambivalente ou ansioso pode ser assim classificado ao se considerar a alta carga de ansiedade, incerteza e insegurança acometida à criança, devido à imprevisibilidade e falta de sensibilidade por parte de seus pais que não conseguem atender às demandas do bebê no momento certo, saturando-o desnecessariamente em determinados períodos e negligenciando ou ignorando suas necessidades em outros, levando a criança a concluir que “o mundo é um lugar não confiável em termos emocionais” (THOMPSON, 2012, p. 139).

Segundo Rodrigues e Challub (2009), a partir desse tipo de apego descontínuo é que se desenvolve no sujeito adulto uma dificuldade em manter relacionamentos e compromissos duradouros, levando também à uma considerável baixa autoestima e a sentimentos de solidão e medo de sofrer perdas. Isso provoca um contínuo estado de alerta e desgaste excessivo de energia psíquica investida no relacionamento por parte do sujeito.

E é justamente nessa última classificação de apego que se encaixa o perfil de amor dependente, característico das mulheres que amam demais, tornando-as extremamente dependentes de relacionamentos, mesmo que insatisfatórios e conflitantes, necessitando estar



sempre prestando cuidados e atenção de maneira descontrolada e viciosa (RODRIGUES e CHALLUB, 2009).

Dentre os sinais e sintomas mais proeminentes encontrados nos indivíduos com amor patológico, portanto, estão a preocupação excessiva com o outro, atitudes malsucedidas de controlar o cuidado com o parceiro, dispensa excessiva de tempo dedicado ao outro em detrimento do cuidado consigo, abandono de atividades e interesses antes valorizados para si e manutenção de tais comportamentos mesmo em face de outras demandas. Também é possível constatar sintomas semelhantes aos da abstinência em álcool e drogas (taquicardia, suor, angústia) diante da ausência (mesmo afetiva) do parceiro, além de ansiedade, depressão e quadros fóbicos, como síndrome do pânico (SOPHIA, 2008).

### **Uma síntese analítica a partir dos resultados**

Os estudos que forneceram a base deste trabalho, pensando o entendimento oferecido tanto pela abordagem Psicanalítica quanto a Teoria do Apego, apresentam em sua composição elementos que se complementam ou divergem em relação à compreensão de alguns dos processos e fenômenos que permeiam o amor patológico.

Em relação especificamente ao processo de surgimento do amor patológico, a Psicanálise atribui à formação desse fenômeno, predominantemente, a uma dificuldade de desligamento do período narcísico por parte do sujeito. Por outro lado, a Teoria do Apego se baseia no vínculo ansioso/ambivalente estabelecido pelo indivíduo com seus cuidadores durante a infância, como um meio de modelar seu esquema de apego predominante ao longo da vida. E, como visto em Bowlby (1990), aponta para os sistemas motivacionais e comportamentais do sujeito em suas relações no presente, como forma de alterar seus padrões de apego e suplantá-los gradativamente seus esquemas de vínculo disfuncionais do passado.

Na teoria psicanalítica, a relação mãe-criança, ponto de partida fundamental para compreender o fenômeno do amor patológico, está baseada na ideia da fusão psíquica, da indiferenciação entre o sujeito e os objetos de seu ambiente externo (FREUD, 1929). Já no caso da Teoria do Apego, a criança não é vista como um único ser com sua mãe ou com os demais,



embora esteja vinculada de maneira inata a seus cuidadores. Antes, mostra-se como alguém disposto a responder socialmente, favorecendo a formação de seu esquema de apego, o que o influenciará direta ou indiretamente ao longo da vida.

Em relação aos aspectos psicológicos predominantes ao longo de todo o processo das mulheres que amam demais, ou seja, da infância à idade adulta, há um consenso entre as teorias em apontar para questões de insegurança, ansiedade e/ou depressão, sentimentos de baixa autoestima, desejo de se unir ao outro e cuidar desse outro de maneira indistinta em detrimento de sua autopreservação. Este fato aponta para o caráter absolutamente prejudicial de tal quadro, uma vez que atrela o sujeito a um estado de codependência extrema, podendo levar também à despersonalização, impedindo-o de se perceber integralmente de acordo com suas próprias necessidades, bem como de ressignificar, efetivamente, a qualidade dos vínculos que busca estabelecer com determinadas figuras que compõem suas relações e vida afetiva.

## **Considerações Finais**

Embora atribuam causas diferentes para a formação de um quadro patológico no que se refere à manifestação do amor, ambas teorias (Psicanálise e Teoria do Apego) parecem concordar no sentido de compreender o amor patológico como um fenômeno originado a partir das relações primárias do sujeito com seus cuidadores e cujos desdobramentos podem afetar seu desenvolvimento até a fase adulta. Há certo consenso entre as teorias, principalmente no que se refere à insegurança, à ansiedade, a sentimentos de baixa autoestima, levando a mulher que ama demais a manifestar o desejo de se unir e cuidar do outro de maneira a desprezar sua autopreservação.

Cabe aqui ratificar que essa forma de atuar revela características que remetem o sujeito a um quadro de (co)dependência extrema, bem como de certa despersonalização, impedindo-o, frequentemente, de se perceber e cuidar de suas necessidades, descuidando-se da qualidade dos vínculos que busca e/ou estabelece.

Aspectos históricos e culturais também possuem grande influência no desenvolvimento do amor patológico, principalmente entre as mulheres, como elementos externos que





# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

contribuem na forma como esse amor se manifesta. Disso decorre, muitas vezes, a associação do amor a sofrimento, o que compromete a qualidade dos relacionamentos no que diz respeito à saúde afetiva emocional dessa mulher.

A quantidade de sinais e sintomas prejudiciais manifestados nas mulheres que amam demais torna claro o quanto a intensidade desse sentimento adoecido pode se caracterizar como, se não um transtorno, um problema que requer atenção e cuidados psicológicos. Reconhecido isso, torna-se possível oferecer ao sujeito (a essas mulheres) a oportunidade de trabalhar essas questões.

Uma das formas indicadas como oportunidade de trabalhar essas questões é o processo analítico, facilitador da expressão e atualização dos desejos reprimidos, lembrando que estes são atemporais e estão a todo o momento buscando sua realização. Nesse processo, mediante o **recordar, repetir e elaborar** freudiano, contando com a capacidade de escuta do analista (desprovida da atribuição de juízo de valor ou de qualquer outra forma de julgamento), a mulher que sofre por amar demais, na condição de paciente, terá assegurada a possibilidade de manifestação de conteúdos correspondentes às suas vivências e experiências afetivas.

Com a elaboração e a conscientização dos conteúdos subjacentes ao próprio discurso manifesto, essa mulher, com amor patológico, terá também a possibilidade de ressignificações e a minimização do *acting out*, isto é, das expressões através da ação. Assim, talvez seja capaz de reconhecer que o seu investimento libidinal no outro (objeto de desejo) não se sustenta em si, e muito menos sustenta o outro (como objeto desejado), justamente por ser demais. E o “demais” é mais do que supostamente se consegue tolerar, porque revela, não raramente, uma relação de dependência muitas vezes desprovida de prazer.

Afinal, o prazer está na busca por algum sentido à própria existência. Neste sentido, não há como existir sem desejo. No caso das pessoas que amam demais, ou seja, o amor patológico, a questão que se coloca é: qual é o “seu” desejo?



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Mônica de Oliveira. **O Enigma das mulheres que amam demais**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília, Brasília/DF, 2005.

ARNOLD, Edward Vernon. **Roman Stoicism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1911.

BAUMAN, Zygmunt. “Prefácio”, “Apaixonar-se”. In: Amor líquido – sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro, RJ. Ed. Jorge Zahar, 2004.

BOSCARDIN, Marina Kayser & KRISTENSEN, Christian. Haag. “Esquemas iniciais desadaptativos em mulheres com amor patológico”, in **Revista de Psicologia da IMED**, 2011 - 3(1), 517-526.

BOWLBY, John. **Apego: a natureza do vínculo**. São Paulo, SP: Ed. Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **Apego e Perda. A natureza do vínculo, a trilogia do apego** (v. 1, tradução de Álvaro Cabral, 3ª ed.). São Paulo, SP. Ed. Martins Fontes, 1990/2002.

BRETHERTON, Inge. **The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth**. *Dev Psychol.* Ed.28:759-75, 1992.

BYSTRONSKI, Brendali. “Teorias e Processos Psicossociais da Intimidade Interpessoal”, in **Psicologia Social para principiantes: estudo da interação humana**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1995.

CHAUÍ-BERLINCK, Luciana. **Contemporaneidade: narcisismo e a melancolia/depressão**. Cadernos Espinosanos (USP). São Paulo, SP, 2008.

DOWLING, Collete. **Complexo de cinderela**. São Paulo. Melhoramentos. *Revista de Psicologia da IMED*, vol. 3, n.1, p.517-526, ed. 2011.

FREUD, Sigmund (1929). **O Futuro de uma ilusão e o mal estar da civilização**. Ed. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1974. v. XXI.

\_\_\_\_\_. (1929). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Ed. Standart Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, RJ: Imago; 1974. v. XX.



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

- \_\_\_\_\_. (1907). **O Esclarecimento sexual das crianças**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Ed. Atlas S.A., 2008.
- KANT, Immanuel. (1960). **Fundamentação da Metafísica dos Costumes** (trad. Paulo Quintela). Coimbra: Atlântida, 1960.
- KEHL, Maria Rita. “A psicanálise e o domínio das paixões”, in NOVAES, Adauto (org.). **Os sentidos da paixão**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.
- LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro, RJ: Imago Editora, 1983.
- LÁZARO, Andre. **Amor: do mito ao mercado**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.
- LEE, John Alan. **The colours of Love: an exploration of the ways of loving**. Ontario: New Press, 1973.
- LIMA, Amanda Teresa Bryk. **Mulheres que amam demais: uma discussão teórica sobre o amor patológico em seus aspectos histórico-culturais e psicodinâmicos**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, Curso de Psicologia, Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília/DF, 2006.
- MILLER, Alice. **O drama da criança bem dotada: como os pais podem formar (e deformar) a vida emocional dos filhos**. São Paulo, SP. Summus, 1997.
- NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais**. São Paulo, SP: ARX, 2005.
- NIETZSCHE, Friederich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo, SP: Martin Claret, 2002.
- PLATÃO. **O banquete** (tradução do grego por Jorge Peleikat e João Cruz Costa). Rio de Janeiro: Ediouro s/ data.
- RODRIGUES, Soraia. CHALLUB, Anderson. **Amor com dependência: um olhar sobre a teoria do apego**. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação, Curso de Psicologia, Centro Universitário Jorge Amado, 2009.
- ROUGEMONT, Denis de. **O amor e o ocidente**. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1988.
- SANTOS, Tania Coelho. SARTORI, Ana Paula. **Loucos de Amor! Neuroses narcísicas, melancolia e erotomania feminina**. Tempo Psicanalítico, (39), 13-33.2007
-



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

SILVA, Juliana Ben Brizola da. **Quando amar é um “problema”**: os significados de amar demais a partir do MADA. Monografia de Conclusão de Curso de Bacharelado, Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

SOPHIA, Eglacy Cristina. **Amor Patológico**: Aspectos clínicos e de personalidade. Dissertação de Conclusão de Conclusão de Mestrado, Faculdade de Medicina, Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. CRESCENTE JUNIOR, José Angelo Barletta. ZILBERMAN, Monica Levit. CORDÁS, Táki Athanássios. “Amor Patológico”, in ABREU, Cristiano Nabuco de. TAVARES Hermano. CORDÁS, Táki Athanássios (orgs.) **Manual Clínico dos Transtornos do Controle dos Impulsos**. 1ª. Ed. Porto Alegre, SC: Artmed, 2008, p.201-14.

\_\_\_\_\_. TAVARES, Hermano. ZILBERMAN, Monica Levit. **Amor Patológico**: um novo transtorno psiquiátrico? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 2007 - 29(1):55-62.

SCHOPENHAUER, Arthur. **O mundo como vontade e representação** (tradução de Jair Barboza). São Paulo, SP: Ed. UNESP, 2005.

STANLEY, Selwyn. **Co-dependency**: Personality correlates in spouses of alcoholics. *Indian J Soc Work*, 2004 - 65(2):13-26.

THOMPSON, Curt. **Conexões para a vida**. São Paulo, SP: Vida, 2012.

WITTER, Geraldina Porto. **Pesquisa científica e nível de significância**. *Estudos de Psicologia*, 1996 - 13 (1), 55-63.

WINNICOTT, Donald Woods. **Privação e Delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.



---

<sup>i</sup> Gerson Heidrich é Psicólogo, Mestre e Doutor em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), Professor e Supervisor Clínico na Faculdade de Psicologia da Universidade Santo Amaro (UNISA/SP), realiza atendimento clínico em Consultório Particular, e-mail: [psicopiq@uol.com.br](mailto:psicopiq@uol.com.br).



# REVISTA *LUMEN ET VIRTUS*

VOL. IX      N° 22

AGOSTO / 2018

ISSN 2177-2789

---

<sup>ii</sup> Daniel Mares Dias é Psicólogo, graduado pela Universidade Santo Amaro – UNISA, atua como palestrante e como técnico social em núcleo de convivência de idosos.  
e-mail: [danielmares.psicologia@outlook.com](mailto:danielmares.psicologia@outlook.com).

<sup>iii</sup> Juliana Maria Fernandes é Psicóloga, graduada pela Universidade Santo Amaro – UNISA, realiza atendimento clínico (infantil e adulto) em consultório particular e atua com adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto,  
e-mail: [julianaferpsicologa@yahoo.com](mailto:julianaferpsicologa@yahoo.com).